

Mutamba

Sociedade, Cultura e Lazer



GRANDES CONTO
(Tiro Parte final)

ALEXANDRE PUSHKIN
>> P.08

Este suplemento faz parte integrante do semanário Novo Jornal e não pode ser vendido separadamente



FIGURAS
Ivan Carapichoso
Kwanza-Sul
é o objectivo

>> P. 02



ACTUALIDADE
A Lunda-Norte
À vista
de todos

P. 03



CONCURSO
Benguela
Gentes
e Música

>> P. 05

ACHILE
MBEMBE

**"O MUNDO
EM ESTADO
DE SÍTIO"**

>> P. 06

Agora também na internet

www.novojornal.co.ao

Entrevista

ACHILLE MBEMBE

“As sociedades contemporâneas sonham com o apartheid”

Com o seu novo livro “Crítica da Razão Negra”, o politólogo camaronês Achille Mbembe cumpre a sua parte na luta por um futuro do mundo para além das raças. Um longo caminho ainda está por fazer.

“Eu queria simplesmente ser um homem entre os outros homens ... ser um homem, nada mais que um homem”, escrevia Fanon em “Pele negra, máscaras brancas”. A cor da sua pele foi constantemente um entrave a este desejo vital de igualdade e fraternidade. Estávamos em 1952. A África libertava-se do jugo colonial. A África do Sul lançava as bases de um dos sistemas mais abjectos de segregação racial, o mesmo que vingava então nos Estados Unidos. Depois, Mandela lançou as bases de uma nação arco-íris. Malcolm X, os Panteras Negras, Martin Luther King, batalharam pelos direitos civis dos afro-americanos e Barack Obama foi eleito para a presidência dos EUA.

Olhando para estas conquistas, o tempo em que o também psiquiatra da Martinica sonhava a igualdade parece remoto e longínquo. No entanto, em 2008, comentadores de todo o mundo “glorificaram” a eleição do primeiro presidente negro do Ocidente. Um presidente negro... nascido de mãe branca e de pai queniano (negro n.t.). Um acontecimento pretensamente comum cruza-se com as práticas segregacionistas americanas segundo as quais uma gota de sangue negro que seja faz de cada um ser desprezível. E demonstra, caso fosse ainda necessário, que a ideologia racista está sempre presente na nossa forma de apreender o mundo... Razão pela qual o politólogo camaronês Achille Mbembe escolheu demonstrar até que ponto o nosso mundo de hoje se articula à volta do racismo. “A crítica da modernidade estará inacabada enquanto não compreendermos que o seu advento coincide com o princípio da definição da raça e da lenta transformação deste princípio em matriz privilegiada de dominação, ontem como hoje” - escreve Mbembe, no seu mais recente livro, “Crítica da Razão Negra”, um olhar atento e lúcido à “Crítica da Razão Pura”, de Kant, tratado filosófico sobre os limites da racionalidade, desenvolvido no momento em que a Europa se solidificava por sobre o tráfico de escravos.



O NEGRO, HOMEM-MERCADORIA, HOMEM-MAIS VALIA

A força da demonstração de Achille Mbembe está em repensar a origem do conceito de “negro”, esse “homem-coisa, homem-metal, homem que dá lucro” e de inscrever a escravatura e a colonização no coração da história europeia. Ambas não decorreram apenas no chamado Ultramar. Tiveram repercussões nas metrópoles, nomeadamente, pela via dos manuais escolares, da imprensa, nos “acontecimentos populares” que foram os campos zoológicos humanos - formatando mentalidades e instalando nos espíritos o veneno do racismo. Que toma uma forma nova depois do 11 de Setembro, apoiando-se já

Com esta obra, Achille Mbembe escolhe “lutar pelo futuro de um mundo arracial”

não apenas na questão racial, uma “operação do imaginário”, como também na religião e na cultura. “A transformação da Europa numa fortaleza e o conjunto de legislações anti-estrangeiras de que o Velho Continente se dotou neste princípio de século, aprofunda as suas raízes numa ideologia de selecção das diferentes espécies humanas que fazem o possível por mascarar, para o bem e para o mal”, constata o professor de História na Universidade de Witwatersrand

«A “razão negra” reflecte o conjunto de discursos que afirmam quem é este homem-objecto, homem-mercadoria, homem-coisa»

em Joanesburgo e da Universidade Duke, na Carolina do Norte. Como duvidar destas afirmações, quando a ministra francesa da Justiça, Christine Taubira, é vítima de uma infame campanha racista?

Com esta obra, Achille Mbembe escolhe “lutar pelo futuro de um mundo arracial” e parafraseando Fanon, coloca a seguinte questão essencial: “Como pertencer a este mundo comum em absoluto plano de igualdade?”

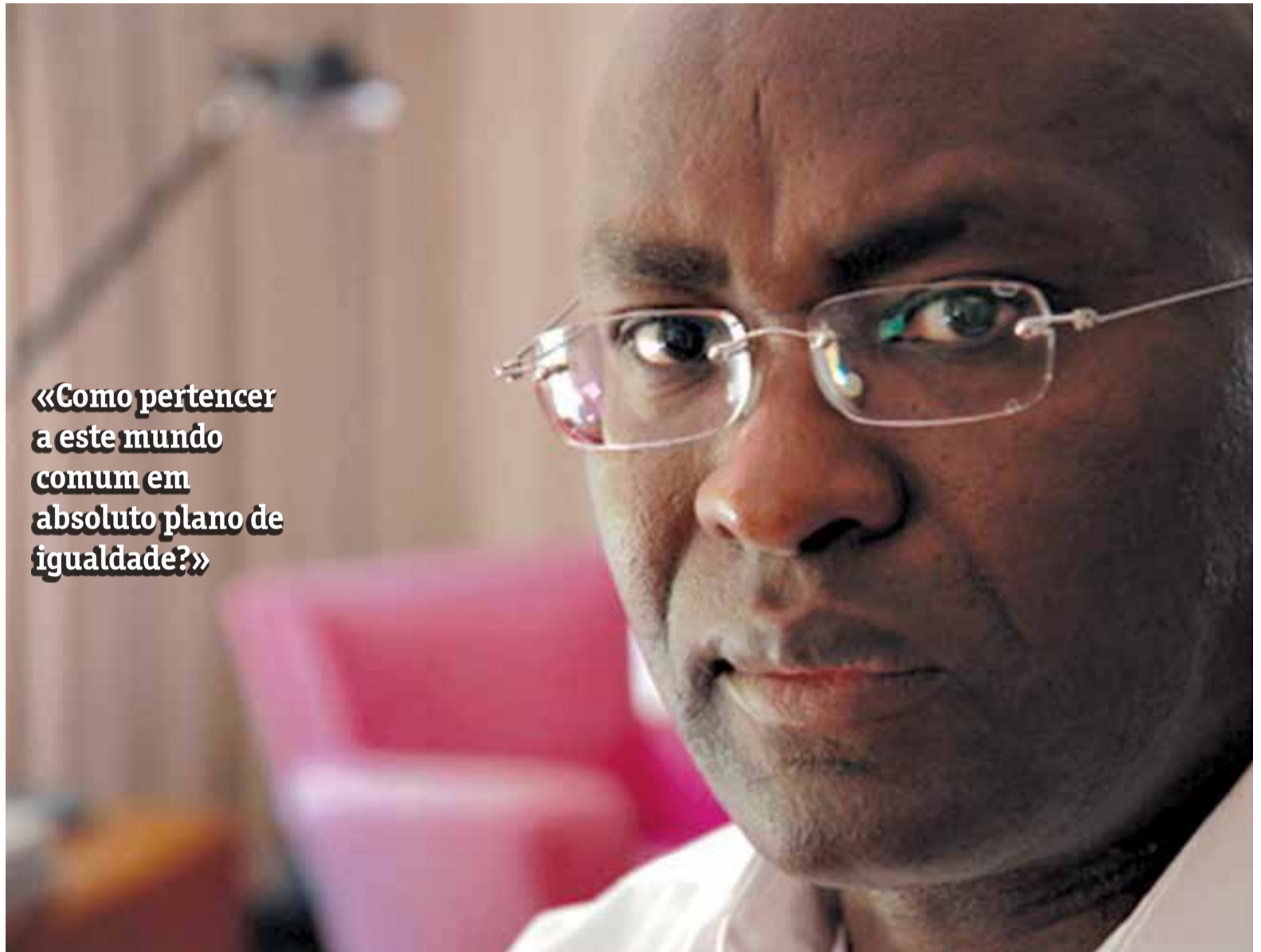
O seu último livro intitula-se Crítica da Razão Negra. Como define “razão negra”?

O que chamamos de “Negro” é uma invenção do capitalismo à época em que este sistema económico e esta forma de exploração da natureza e dos seres humanos foi posta em prática à beira do Oceano Atlântico, no séc. 15. Neste contexto, o “Negro” é a definição de uma humanidade que se presume não ser só uma, ou, sendo apenas uma, não pode ser nada mais do que uma coisa, um objecto, uma mercadoria. A “razão negra” reflecte o conjunto de discursos que afirmam quem é este homem-objecto, homem-mercadoria, homem-coisa, como deve ser tratado, governado, em que condições se deve pô-lo a trabalhar e como tirar proveito dele. Depois, a “razão negra” designa a retomada do discurso daqueles que foram “catalogados” (Africanos, Antilhanos, Afro-Americanos, Afro-Caribenhos) e que devolvem e endossam essa responsabilidade aos responsáveis por este “fabrico”, buscando a reafirmação da sua humanidade plena e inteira. Logo após o 11 de Setembro, o mundo entrou numa fase muito particular, a que poderíamos chamar de estado de “excepção”.

A negritude e o pan-africanismo não renunciaram à questão racial? Será que erraram?

Não necessariamente. Não renunciaram, imagino, porque o racismo continua a ser uma realidade. Porque, face à violência do racismo era preciso criar uma comunidade que lutasse. O perigo, como sabemos, é de reintroduzir uma luta que procura transcender a questão racial e que pode conduzir à repetição do mesmo, ou praticamente do mesmo. Então, o risco de uma certa manutenção da negritude e de uma particular forma de pan-africanismo é de dar espaço a revoluções idênticas a outras já feitas, e que demonstraram ser incapazes de pôr um ponto final nestes problemas.

Está hoje presente, segundo defende, uma espécie de “racismo sem raça que mobiliza a religião e a cultura no quadro da luta contra o terrorismo. Pode aprofundar esta questão?



«Como pertencer a este mundo comum em absoluto plano de igualdade?»

Depois do 11 de Setembro, o mundo entrou num momento muito específico, que pode ser chamado de “estado de sítio”: uma série de garantias jurídicas fundamentais que permitiam assegurar a nossa segurança e a nossa liberdade foi posta em causa, de forma explícita ou indirecta. O “Acto Patriota”^{*} é um exemplo concreto da revogação das liberdades. A excepção tornou-se norma. A detenção de pessoas que supõem tratar-se de inimigos vulgarizou-se, as prisões sem julgamento também, a tortura com o objectivo de extrair à força informações, assassinatos extrajudiciais e a submissão das populações de todo o mundo a sistemas

«Depois do 11 de Setembro, o mundo entrou num momento muito específico que pode ser chamado de “estado de sítio”»

de vigilância sem contrapontos legais tornaram-se comuns. A consequência de tudo isto resulta numa re-balkanização do mundo sobre um fundo de duas formas obscuras de desejo que afligem as sociedades contemporâneas: o apartheid (cada um quer viver apenas com os seus) e o sonho, funesto no meu ponto de vista, de uma comunidade sem estrangeiros.

O presidente francês, François Hollande ensaiou a ideia de retirar a palavra “raça” da constituição francesa para lutar contra o racismo. Como encara esta atitude?

Absolutamente incrível!



Porque isso pressupõe que se nos confrontamos com um problema, basta eliminar a palavra que define o problema. Se os países africanos suprimirem a palavra “pobreza”, ela desaparece? Há qualquer coisa de estranho neste tipo de raciocínio. Creio que o presidente faria melhor se reflectisse sobre as novas formas de racismo em França e buscasse métodos para as combater.

Dois ministros europeus, negros, em Itália e em França são sistematicamente insultados com base na cor da sua pele. A classe política europeia está a reagir à altura a estes ataques?

Kyenge^{**} e Taubira são vítimas do tipo de racismo de que falava Fanon: primitivo e idiota, segundo o qual o “Negro” é apenas um animal. Mas não são os únicos. Nos Estados Unidos, Barack Obama é submetido à mesma fúria e à mesma violência. O nosso mundo está à beira de entrar num ciclo devastador que, caso não seja interrompido, faz-nos correr o risco de resultados e possibilidades horrorosas. É preciso fazer despertar as forças de abertura e de futuro.

O que pensa dos que denunciam um aumento do racismo anti-branco?

Risos). Não devemos brincar. Não quero dizer que os não-brancos não são capazes de atitudes

racistas. Porém, o racismo tal como se desenvolveu no mundo moderno, implica a existência de mecanismos institucionais coercivos na atribuição de uma identidade. Neste momento, na correlação de forças mundial, desculpe, mas o mundo africano em particular não dispõe de meios nem de recursos susceptíveis de estigmatizar pessoas de origem europeia.

^{*} Acto Patriota (Patriot Act) – Lei assinada por George W. Bush, em 2001 que dá suporte a todas as ilegalidades que se possam imaginar relativas a direitos básicos dos cidadãos num país livre e democrático. Invasão de lares, espionagem de cidadãos, interrogatórios e torturas de possíveis suspeitos de espionagem ou terrorismo, sem direito a defesa ou julgamento. Na prática, a lei suprime as liberdades civis. Muitos juristas consideram que essa lei facilita a instituição da pena de morte, na eventualidade de qualquer ameaça de terrorismo – real ou imaginária.

^{**} Cécile Kyenge é a primeira cidadã negra italiana a fazer parte de um governo. É Ministra da Integração.

Entrevista de SÉVERINE KODJO-GRANDVAUX

In “Jeune Afrique” – Uma cortesia de José Gonçalves e de Achille Mbembe

Tradução livre de C.F.